

Que seja feita a vossa vontade

12 NOV 1989

JORNAL DO BRASIL

Ricardo Noblat

O jogo está feito, praticamente, feito. O que resta é aguardar que o povo fale — a massa anônima, em grande parte miserável, de 82 milhões de eleitores que decidirão, nesta quarta-feira, quem passará para o segundo turno da primeira eleição presidencial direta depois de 29 anos de abstinência. Para o eleitor, o primeiro tempo do jogo está no fim. Para os políticos, o segundo já começou faz muito, muito tempo.



Há duas semanas, por exemplo, alguns governadores do PMDB concluíram que não dava mais para continuar sustentando a inviável candidatura do deputado Ulysses Guimarães. Concordaram em oferecer seu apoio ao candidato Mário Covas, do PSDB. Consultado, o governador Orestes Quércia desmontou o acordo. Se o apoio fosse dado a Covas, ele se sentiria liberado para apoiar no primeiro turno o candidato Leonel Brizola, do PDT.

Na última terça-feira, Quércia e o deputado Fernando Lyra, candidato a vice-presidente na chapa de Brizola, trocaram um longo telefonema. Quem conhece Lyra sabe que ele ama o telefone. Quércia repetiu para o deputado que seguirá apoiando Ulysses até a próxima quarta-feira mas que apoiará Brizola se ele disputar o segundo turno. Quércia não terá como impedir que o PMDB paulista adote posição diferente.

Uma fatia do partido no estado vai votar em Brizola desde já. Outra escolheu Covas. Hoje à noite, ao se despedir dos eleitores no encerramento do horário de propaganda no rádio e na televisão, Ulysses ainda renovará a confiança dele na vitória. Não se imagina, contudo, que ele está sendo vítima da ilusão eleitoral, muito mais forte do que a ilusão amorosa, segundo o ex-ministro João Cleofas, da UDN. Não.

Ulysses reconhece que já perdeu. Atribui a derrota à identificação dele com o governo de Sarney e à divisão do PMDB. Com elegância, lamentará as traições que sofreu. Anotou todas elas para cobrá-las no futuro. A Constituição reforçou as atribuições do

Congresso. Aliados fiéis de Ulysses controlam as mais importantes comissões da Câmara e do Senado, obrigadas a examinar tudo que interessa a governadores, prefeitos e ao presidente.

O candidato do PMDB usará o rádio e a televisão para ler uma espécie de testamento político. Irá a São Paulo votar e, no mesmo dia, desembarcará em Brasília para esperar os resultados da apuração dos votos. Mais do que os resultados, Ulysses ficará em casa esperando a romaria de políticos de todos os partidos que, calcula, irão a ele atrás de apoio para o segundo turno. Ulysses vai reassumir a presidência do PMDB.

Se o primeiro turno lhe escapou, não ficará de fora de influir no destino do segundo. A amizade dele é mais estreita com Lula do que com Brizola. Ele e Lula foram companheiros em diversos momentos da luta contra o Estado autoritário. Mas Ulysses admite que encontrará menos dificuldades de compor o PMDB em torno de Brizola do que de Lula. Pessoalmente, não se sentirá mal em subir no palanque de um ou de outro.

Mas no palanque de Lula Quércia não subirá — e foi o governador de São Paulo o principal avalista, até agora, da candidatura de Ulysses. Eis o dilema que se oferece para os que, dentro do PMDB, consideram temerária e, por isso mesmo, pretendem evitar uma possível eleição de Collor de Mello: há cheiro de Lula no ar, embora a candidatura de Covas cresça. Mas é Brizola quem pode se entender melhor com o PMDB.

Apesar dos governadores Moreira Franco e Pedro Simon — que querem ver Brizola pelas costas mas que não querem se ver no palanque de Collor. Nas 72 horas que faltam para que as urnas comecem a apreender a vontade dos brasileiros, o processo de elaboração e de reelaboração dessa vontade estará em pleno curso, a uma velocidade espantosa, e sujeito, ainda, aos efeitos de fatos ocorridos, ultimamente, e de fatos que venham a ocorrer.

As pesquisas eleitorais não conseguirão detectar com segurança a tendência dos órfãos da candidatura de Sílvio Santos — nem os ganhos e perdas registrados por Collor no confronto com o presidente da República. Dificilmente, elas registrarão as dimensões do movimento pelo voto útil, à direita e à esquerda, e a identidade dos que poderão se beneficiar com ele. Foram muitos os que falaram em nome do povo até aqui. A palavra, agora, é dele.